



# Trégua balança com escaramuças no Golfo

Às vésperas de expirar o cessar-fogo de 15 dias, EUA e Irã admitem retornar à mesa, mas o regime islâmico volta a fechar o Estreito de Ormuz e faz disparos de advertência contra navios indianos

Entre acenos desencontrados sobre uma nova rodada de negociações e uma troca de acusações em torno do tráfico pelo estratégico Estreito de Ormuz, Estados Unidos e Irã se aproximam da data em que expira o precário cessar-fogo de 15 dias acertado com mediação do Paquistão — sem qualquer sinal claro de que a guerra iniciada em 28 de fevereiro se encaminhe para o fim, como insiste o presidente Donald Trump. Ontem, menos de 24 horas depois de anunciar a abertura da principal via marítima de escoamento de petróleo, o regime islâmico de Teerã acusou Washington de violar os termos da trégua, por manter o bloqueio naval aos portos iranianos. A Guarda Revolucionária Islâmica voltou a declarar o estreito fechado e fez disparos contra ao menos duas embarcações comerciais na costa do vizinho sultanato de Omã.

"Os americanos não podem impor sua vontade e deixar o Irã sob sítio", declarou o vice-chanceler Saed Khatibzadeh. Horas antes, o comando central das Forças Armadas havia anunciado a interdição de Ormuz, em linha com a ameaça feita na véspera pelo presidente do parlamento, Mohammad Bagher Ghalibaf. "O Irã havia aceitado de boa-fé autorizar a passagem de um número limitado de petroleiros e navios comerciais", diz o comunicado, "mas decidiu retomar o controle diante dos atos de pirataria amparados no chamado bloqueio (dos EUA)".

A agência britânica de segurança marítima UKMTO relatou ataques contra um petroleiro e um navio cargueiro, ambos de bandeira indiana, na estratégica passagem entre o Golfo Pérsico e o Mar de Omã. Várias embarcações que pareciam prestes a atravessar o estreito mudaram de rota, de acordo com a agência. "Nenhum navio deve deixar o ancoradouro no Golfo ou no Mar de Omã", avisou a Marinha da Guarda Revolucionária. "Qualquer tentativa de



**Eles querem fechar de novo o estreito, como vêm fazendo há anos, mas não vou permitir que nos chantageiem"**

**Donald Trump,**  
presidente dos EUA

aproximação ao Estreito de Ormuz será considerada um ato de colaboração com o inimigo, e a embarcação envolvida será alvo militar."

## "Chantagem"

Foi o próprio Donald Trump quem reafirmou, ainda na sexta-feira, que o bloqueio determinado por ele nas águas adjacentes a Ormuz e ao Golfo Pérsico seguia em vigor, a despeito do anúncio da reabertura do estreito por parte de Teerã. O presidente norte-americano chegou a agradecer o gesto, pelas redes sociais, mas manteve a decisão de impedir a partida ou saída de navios mercantes de portos iranianos. Ontem, em resposta à retomada do bloqueio por parte do regime islâmico, acusou o adversário de "brincar" com os EUA e renovou as ameaças. "Eles querem fechar de novo o estreito, como vêm fazendo há anos, mas não vou permitir que nos chantageiem."

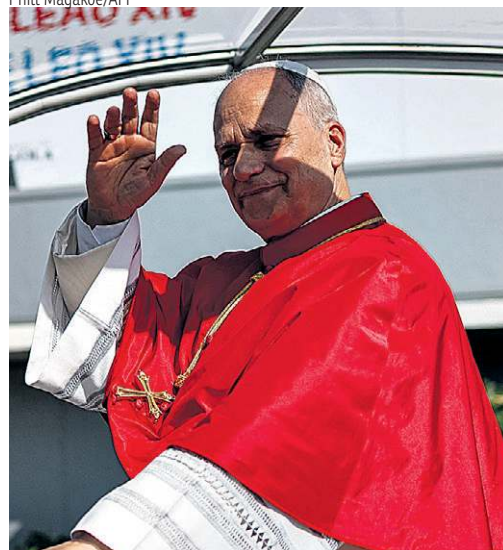
O risco de retomada dos combates com o Irã, com a provável participação de Israel ao lado dos EUA, desafia de versões que circulam nos últimos dias por círculos diplomáticos. Elas dão conta de que emissários de Washington e Teerã poderiam voltar a sentar-se à mesa na capital paquistanesa, Islamabad, sob mediação do governo local, antes da quarta-feira, quando expira o frágil cessar-fogo anunciado na noite da terça-feira 7

Atta Kenare/AFP



**Cartaz em Teerã anuncia que Ormuz "continua fechado": regime islâmico aposta no impacto econômico**

Phill Magakoe/AFP



## Bandeira branca

O papa Leão XIV aproveitou a escala de ontem em Angola, a terceira de sua visita à África, para uma tentativa de distender as tensões dos últimos dias com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Depois de ter condenado duramente o presidente dos Estados Unidos, pela ameaça de exterminar a civilização persa, o primeiro papa norte-americano tratou de desvincular da polêmica com o compatriota as declarações que fez em Carnarões, onde criticou os "tiranos" que "gastam bilhões (de dólares) em guerras". A imprensa dos EUA, em particular, interpretou a declaração como resposta a Trump, que vinha de questionar o pontífice pelo que considera uma postura "fraca" sobre as pretensões nucleares que a Casa Branca atribuiu ao Irã. Leão XIV assegurou que seu pronunciamento foi escrito "muito antes dos comentários sobre a minha pessoa e sobre a mensagem de paz que promovo". E negou que estivesse "tentando iniciar um novo debate com o presidente, algo que não me interessa em absoluto".

de abril — horas antes do prazo dado por Trump ao Irã para a reabertura de Ormuz, sob pena de "extermínio" da civilização persa.

"Estamos conversando com eles", disse ontem o presidente americano, embora nenhum dos lados tenha confirmado oficialmente uma

data para uma nova rodada de negociações. No último fim de semana, ao fim de 21 horas de reuniões, o vice de Trump, J. D. Vance, deixou



**Os americanos não podem impor sua vontade e deixar o Irã sob sítio"**

**Saed Khatibzadeh,**  
vice-chanceler do Irã

Islamabad sem nenhum acordo firmado para encerrar o conflito. "A parte americana tuita muito, fala muito", rebateu o vice-chanceler iraniano. "Às vezes é confuso, às vezes, vocês sabem, contraditório."

## Líbano

A reabertura de Ormuz foi anunciada pelo Irã como resposta à trégua aceita por Israel em sua ofensiva contra o Líbano, onde tem por alvo o movimento xiita pró-iraniano Hezbollah. O cessar-fogo, negociado com o governo libanês sob mediação dos EUA, entrou em vigor à 0h de sexta-feira, com vigência de 10 dias. A suspensão dos bombardeios israelenses foi mencionado por Teerã como parte do acordo fechado com Washington sob mediação paquistanesa, mas tanto Trump quanto o premiê Benjamin Netanyahu negaram que a medida constasse do acerto.

Nas primeiras declarações desde o anúncio da trégua no Líbano, o secretário-geral do Hezbollah, o xeque Naim Qassem, afirmou ontem que o braço armado do movimento seguirá alerta para responder a novos ataques. "Um cessar-fogo significa a cessação completa de todas as hostilidades", afirmou. "Como não confiamos no inimigo, os combatentes da resistência permanecerão no terreno, prontos para disparar, e responderão a quaisquer violações" por parte de Israel, que mantém tropas em uma faixa de 10km além da fronteira com o vizinho.

**Paulo Delgado**



contato@paulodelgado.com.br

## O ATLÂNTICO SUL ACORDA

São 24 os países, crescidos na rudeza e na indiferença dos grandes, distribuídos entre a África e a América do Sul, que buscam afirmar o Atlântico Sul como uma zona de paz. Finalmente podemos ter a Zopacas, a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul, iniciativa que vem lá de meados dos anos 1980 e que expressa uma ambição relevante: preservar a paz e fomentar a prosperidade na região do globo em que nos encontramos, com foco em seus próprios habitantes e Estados, até hoje, reduzida à lógica da rivalidade entre potências expansionistas e intervencionistas.

Neste mês, o Brasil recebeu representantes dos países do grupo para dar início a mais um período de presidência brasileira da Zopacas. Muitos aspectos geopolíticos e geoeconômicos evidenciam a urgência da criação da iniciativa e a necessidade de dinamizar várias de suas frentes.

Do ponto de vista objetivo da geografia, na América do Sul são apenas três os países banhados pelo Atlântico Sul: Brasil, Uruguai e Argentina. Sendo assim, todos os demais 21 membros da Zopacas são africanos. Todos os países africanos dentro deste fórum estão em sua costa ocidental, mas há maior liberalidade em sua inclusão no grupo, já que alguns deles estão acima da Linha do Equador, sendo Cabo Verde e Senegal aqueles mais ao norte.

De todo modo, é necessário clareza para afirmar que a paz não significa confundir serenidade com passividade. O mundo está em trânsito. O Brasil perde tempo com conexões desnecessárias e não faz ideia de sua grandeza. A paz, sobretudo em espaços marítimos de importância geopolítica, exige vigilância, ocupação, coordenação e capacidade de ação. O Atlântico Sul é um vazio político. É uma área atravessada por interesses

econômicos, rotas comerciais e de comunicação, recursos naturais e disputas potenciais que não desaparecem porque seus governos sangram sem sofrer pelo que vão deixar para seus povos.

Atualmente, é pouco lembrado que no século 19 o Brasil ficou sem relações diplomáticas por alguns anos com o país mais poderoso do mundo àquela época. E tudo se deu porque um representante político do Reino Unido de então usou um incidente marítimo numa remota parte da costa do Brasil para provocar e testar os nervos das autoridades brasileiras. O que ficou conhecido como a Questão Christie foi uma demonstração de que potências intervencionistas não necessitam de um pretexto plausível para causar transtornos. Entretanto, pior é transmitir a sensação de vazio, porque o vácuo torna-se atraente para indivíduos e grupos mal-intencionados.

Por isso, a defesa, pensada como algo que vai além das Forças Armadas, tem papel indispensável nesse cenário. Não como negação da cooperação mesmo com países externos à região,

mas como complemento e necessário da própria cooperação.

Uma diplomacia e uma defesa atuantes, com estratégias de dissuasão em várias frentes, ajudam a impedir que a região se torne vulnerável a pressões externas, aventuras oportunistas ou dinâmicas de instabilidade sobre as quais temos pouca influência. A atuação constante em busca do desenvolvimento é fundamental, uma vez que a ausência de preparo fragiliza a paz.

A vocação pacífica do Atlântico Sul precisa, portanto, ser sustentada por instituições, coordenação política e capacidade material. A Zopacas, assim, pode ser um instrumento mais importante do que nunca, justamente porque propõe que a segurança regional seja construída a partir da concertação entre os países da região, não deixando vácuo que gere o desejo de vê-la imposta de fora para dentro. Paz duradoura não se produz apenas com decisões bem-intencionadas e planejamento, mas com atuação e investimentos cotidianos, calçados em compromissos políticos de Estado e responsabilidade estratégica. Decisões que não fiquem à mercê da variação

de governos, sobretudo em uma zona com 24 países, onde o arrebatamento pessoal de seus governantes é tido como coisa séria.

Fazer do Atlântico Sul uma zona de paz com prosperidade compartilhada exige uma institucionalização mais elevada de seu papel.

Uma visão capaz de conciliar cooperação e soberania, desenvolvimento e segurança, prudência e presença. E, nesse contexto, a natural liderança do Brasil deve ser sempre negociada com respeito e garantia do benefício mútuo para se fazer necessária.

A partir deste abril, o Brasil será presidente da Zopacas pelo período de três anos. É uma oportunidade para se aprofundar essa visão de que somos uma zona de paz que busca a prosperidade por meio da cooperação e do diálogo.

É preciso parar de conversar em pé e parecer apressado para exercer poder. A paz, para ser real e duradoura, precisa ser desenvolvida por valores, serenidade e razão.

PAULO DELGADO, sociólogo.